

**O LUGAR NAS MARGENS: UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA OBRA DO  
POETA BAIXADENSE MODUAN MATUS**

Prof. Dr. Idemburgo Frazão (Unigranrio)

Nas últimas décadas do século XX e neste início de milênio, os estudos literários têm apresentado uma inclinação maior ao diálogo interdisciplinar, à aproximação de disciplinas como a sociologia, a antropologia e à história. Menciona-se, aqui, uma outra, que pode auxiliar na implementação de discussões importantes, no que diz respeito aos “novos territórios literários”: a geografia. Em especial, destaca-se a geografia humana, onde se destacam os estudos do sino-americano Yi-Fu-Tuan. Em suas obras, ele recorre a uma abordagem de inclinação psicológica, para discorrer sobre a distinção entre as noções de espaço e lugar. Ele entende que o lugar é uma área que foi “apropriada afetivamente”, dotada de elementos significativos de um determinado grupo. Na literatura, a percepção das transformações pelas quais passa a sociedade contemporânea e os próprios estudos literários, têm propiciado a reflexão sobre o surgimento do que se pode denominar “territorialidades textuais marginais”. O presente trabalho intenta refletir acerca das figurações da(s) marginalidade(s) na obra de um poeta que, com suas atuações, suscita o aprofundamento de estudos e abre caminho para que se pense a respeito do lugar em que habita há mais de cinco décadas: a Baixada Fluminense. Trata-se de Moduan Matus. Da poesia alternativa da década de 1970 - quando escrevia seus poemas em muros e portas de lojas fechadas -, aos saraus em bares e em quintais, na atualidade, Matus, além de um poeta de extensa (mas pouco divulgada) produção, é um pesquisador da cultura baixadense e um ativista cultural. Dos problemas sociais, às festas, aos saraus; as poesias de Moduan, além da qualidade artística e da reflexão crítica sobre seu lugar, articulam discussões bem atuais inerentes às identidades literárias contemporâneas.

Palavras-chave: lugar. território. marginalidades. Moduan Matus. Baixada Fluminense

**O LUGAR NAS MARGENS: UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA OBRA DO  
POETA BAIXADENSE MODUAN MATUS**

Prof. Dr. Idemburgo Frazão - UNIGRANRIO

**Introdução**

Neste início de milênio, os estudos literários têm-se inclinado a um maior ao diálogo interdisciplinar. Disciplinas diversas dialogam, como é o caso da sociologia, da antropologia e da história (parceira de longa data). Destaca-se, aqui, o caso da geografia, com a implementação de discussões sobre novas territorialidades e

legitimidades identitárias. Enfoca-se, no caso, a geografia humana. Um dos mais conhecidos e respeitados representante dessa vertente dos estudos geográficos é o sino-americano Yi-Fu-Tuan. Esse estudioso, em suas reflexões, traz à baila uma abordagem de forte teor psicológico, discorrendo sobre a problemática da relação entre as noções de espaço e lugar.

Diferente do que o antropólogo e sociólogo Marc Augé (1994) denomina não-lugares, referindo-se, em outro contexto, a locais de passagem como aeroportos, rodoviárias, segundo o geógrafo sino americano Yi-fu Tuan, lugar é a casa, o local e o espaço que já se infiltraram na “psique” do indivíduo. Como afirma o autor, na introdução de sua conhecida obra no campo da geografia humana, *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*: “O lugar é a segurança e o espaço é a liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar.” (TUAN, 2013, p.11) O lugar, para Tuan, é uma área que recebe influxos afetivos. Está repleto de valores significativos de uma comunidade, de um determinado grupo. A questão da afetividade, direta e indiretamente, interfere nas relações entre as identidades e as alteridades. Isso envolve problemas diversos, relativos aos gêneros, religiões, etnias, para não citar outros. Esses lugares, espaços carregados de marcas identitárias, figuram enquanto territórios, trazendo à discussão questões diversas, inerentes às territorialidades, direitos e legitimidades no mundo globalizado contemporâneo.

Novas formas de convivência e apropriação dos territórios (não apenas geográficos), principalmente com a interferência das líquidas instâncias midiáticas, se impõem, revelando – ou desvelando – diálogos e/ou conflitos de incomensuráveis abrangências, apontando também para novas perspectivas de vivência e reflexão da sociedade, da cultura e da arte. No campo da literatura, a percepção das transformações pelas quais passa a sociedade contemporânea e os próprios estudos literários, têm propiciado reflexões sobre o surgimento do que se pode denominar “territorialidades textuais marginais”. O presente trabalho intenta refletir acerca das figurações da(s) marginalidade(s), a partir da obra de um poeta que, com suas atuações, suscita o aprofundamento de estudos sobre a imbricação entre “literatura e sociedade”, lembrando aqui da importante obra homônima de Antônio Cândido - e abre caminho para que se pense a respeito do lugar em que o artista habita há mais de cinco décadas: a Baixada Fluminense. Trata-se de Moduan Matus.

Moduan Matus, como se pode ler no Blog do autor,

é pseudônimo de Edgard Vieira Matos (nascido em Nova Iguaçu-RJ, em 25 de julho de 1954), adotado em 1974, quando começou a escrever poemas (alguns de protesto contra a ditadura de 1964), sendo a sua primeira publicação em 10 de julho de 1979, na revista Equipe, número 13. O reconhecimento poético veio a partir de 1978, quando, devido ao pouco espaço para a publicação de poemas, passou a colocá-los a giz, nas portas das lojas (quando fechadas), nos centros comerciais da Baixada Fluminense, no município do Rio de Janeiro e, em Niterói e São Gonçalo (mas, principalmente em Nova Iguaçu). As portas de aço com ranhuras, pintadas com tinta fosca e escura, refletiam bem os poemas; sucintos, feitos de forma clara, para que os passantes pudessem lê-los caminhando. A gização chegou a virar um movimento de poetas. O grupo foi batizado com o nome de “Caco de Vidro”, na década de 90. Daí desembocando em outros movimentos poéticos-culturais. (MATUS, 2016)

Da poesia alternativa da década de 1970 - quando escrevia seus poemas em muros e portas de lojas fechadas -, aos saraus em bares e em quintais, na atualidade, Edgard Vieira Matos (Moduan Matus) se impõe enquanto autor que não cedeu à sedução das facilidades editoriais. Além de um poeta de extensa (mas pouco divulgada) produção, é um pesquisador da cultura baixadense e um ativista cultural. Dos problemas sociais, às festas, aos saraus; as poesias de Moduan, além da qualidade artística e da reflexão crítica sobre seu lugar, articulam discussões bem atuais inerentes às identidades literárias contemporâneas.

A presença e a atuação de Moduan na Baixada Fluminense, tendo como vertente importante de seu trabalho poético questões do local, apontam para uma forte afetividade em relação a um espaço considerado periférico em relação à cidade do Rio de Janeiro. O olhar que o eu-lírico, nas poesias do autor, lançam sobre as cidades baixadenses é fundamentalmente crítico. Entretanto, há a percepção de que tais críticas têm sentido construtivo. Tais críticas partem de um forte conhecimento, tanto das mazelas, quanto dos pontos positivos da Baixada, em especial, de Nova Iguaçu. Assim, o espaço baixadense torna-se um lugar, no sentido dado por Tuan, onde o poeta, há anos, vive, tem sua família e de onde a voz poética fala. A identidade do poeta assume as cores da realidade (e dos estigmas) de seu lugar. O termo marginal, para muitos soa forte demais, ou errôneo, para refletir acerca da obra de um poeta que participa, há décadas, também de alguns espaços ditos, centrais, como CEP 2000, liderado por Ricardo de Carvalho Duarte, o Chacal, dentre outros. A marginalidade, em Moduan não se situa totalmente em sentido sócio-econômico, como ocorre com o conhecido poeta Ferrez, que se auto-denomina autor marginal de periferia (NASCIMENTO, 2009). Em realidade, sua situação poética dialoga com a problemática da marginalidade, quando se pensa na exclusão, ou na “oclusão” do seu lugar de fala. Entra em questão, como se pode perceber, a próprio olhar das elites, tanto sócio econômicas, quanto culturais. Não

de trata efetivamente de uma marginalidade de base sócio econômica, mas em termos de dificuldade de acesso a um grande público ou, de certa maneira, em certo sentido, de auto-exclusão. Moduan Matus foi citado por Heloisa BUARQUE DE Holanda e Carlos Alberto Messeder Pereira, por suas poesias, na década de 1970 (1982), quando iniciou sua caminhada poética, com sua peculiar “gização”, mas não teve a divulgação ampliada depois disso.

Não se afirma, neste artigo, que a “poética marginal”, no sentido aqui redimensionado, se feche em um casulo. Ao contrário, busca seus espaços nas ruas, nas escolas, praças e na internet. O território marginal é do mundo, embora sua voz parta da periferia. Para antecipar o comentário sobre o texto de Matus, pode-se afirmar que o Éden baixadense dialoga com outros édens, tanto periféricos quanto centrais, tanto o da bíblia quanto o do “sacolão”. O Éden bíblico está contido na dizimação dos organismos, como se poderia afirmar a partir da interpretação de um outro de sua autoria. Portanto, ao se pensar sobre a marginalidade, aqui, reflete-se, também, sobre a identidade poética de Moduan Matus, sobre sua relação com seu lugar de origem e de fala.

Precursor, herdeiro de certa verve crítica lima-barretiana (no campo da poesia), moduan constrói, à sua maneira, uma trajetória peculiar, como tantos outros na Baixada Fluminense, do presente e do passado, lembrando, em suas atitudes no campo da cultura, de Solano Trindade - que viveu algum tempo na Baixada e radicalizou-se, depois em Embu das Artes, São Paulo.

### **Marginalidades - Identidades subalternas?**

No que diz respeito à questão das identidades - escritas propositadamente no plural – autores como Zygmunt Bauman (2004) e Stuart Hall (2014), em textos já bastante conhecidos no meio acadêmico, afirmam, cada um com suas peculiaridades reflexivas e textuais, que o “pertencimento” e a identidade não são tão sólidos quanto se pensava, ainda sobre a vigência dos Estados Nacionais. As identidades e o pertencimento são “negociáveis”. Ao se discutir sobre as novas territorialidades, em termos sócio-políticos, abre-se, também para os estudos das ciências humanas novos e ricos caminhos especulativos, no que diz respeito aos campos de atuação das disciplinas, da cultura e das linguagens artísticas. Ratificando o que aqui se diz, o polonês Bauman, afirma que

“tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a todo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a identidade’. (BAUMAN, 2004, p. 19)

Entretanto, pertencer a um determinado “lugar”, ou comunidade (no sentido europeu), em locais centrais, como a Polônia - o caso de Bauman -, ou à Jamaica - caso de Hall -, diferencia-se bastante de pertencer a uma comunidade, no sentido brasileiro. Ou seja, o pertencimento a uma comunidade como o Capão redondo, o Complexo do Alemão, ou à Baixada Fluminense, situa, ou liga, de imediato, o sujeito a um estigma, a uma visão ou condição, se não de excluído, de subalterno, no sentido que lhe dá Gayatri Spivac, em seu ‘artigo-livro’ *Pode o Subalterno falar* (2014) Nesse pequeno e precioso texto a estudiosa indiana aponta para as figurações de uma sociedade em que a mulher ainda não conquistou efetivamente seu “lugar de fala”. Embora não trate efetivamente da problemática das territorialidades textuais, ou mesmo da exclusão social, em sentido amplo, Gayatri permite, com suas reflexões que se possa criar um diálogo reflexivo aproximando diversos “locais de discurso”, onde não há “potência de voz”. É o que acontece com as chamadas minorias - que, na maioria das vezes se constitui como maioria numérica. E esse é o caso das mulheres, dos negros, dos pobres e de tantos outros, no Brasil. Matus impõe sua voz a partir da visão crítica e de sua atuação efetiva na dinamização da arte na Baixada Fluminense, o que lembra bastante um outro importante autor da região, autor do Hino do município de Duque de Caxias, admirado por Matus, Barboza Leite - poeta, artista plástico, compositor, enfim um multi-artista, cuja obra começa a ser estudada, na Baixada Fluminense.

### **Dizim-a-ção do Éden**

A poesia metamorfósica de Moduam, em sua vertente sobre a Baixada Fluminense, aponta para a relação entre o lugar, no sentido já aqui descrito, de Yi- Fu Tuan e a ecologia.

Dizimando o ambiental  
Abreviando a matéria  
Tradicional igreja  
No centro de uma cidade na baixada  
Cortam as duas árvores cinquentenárias.  
Esvai-se cerne e seiva  
Alma do seu estacionamento  
É que os dízimos

A morte de duas árvores no centro urbano não chama a atenção dos habitantes do local. Os passantes e os moradores das grandes cidades já se acostumaram com a dizimação. Mas a problemática do dízimo, aproximada da questão dos desmatamentos e das atrocidades contra a natureza, tão combatida por movimentos como o da conhecida ONG Green Peace, traz ao debate um outro assunto: a maneira como as religiões efetivamente vêm e tratam a natureza, o que está vivo. Ao iniciar com o verbo dizimar, no gerúndio, o poeta põe em movimento um jogo semântico de vertentes múltiplas e potentes. Dizimar significa destruir, matar. Mas, se dizimando é simplesmente o verbo dizimar, no gerúndio, também pode ser entendido, a partir de seu viés neológico. Verbo criado a partir do substantivo dízimo. O mal uso do dízimo, implicitamente afirma a voz poemática, pode matar. E, no caso das árvores, através da denúncia poética as árvores centenárias são cortadas por não terem muita importância para os dirigentes religiosos, no caso em questão. O campo semântico do termo dízimo se amplia e se acopla na denúncia, quando o eu-lírico afirma que “no centro de uma cidade da Baixada, / cortam duas árvores centenárias”. Além de não serem árvores comuns, por serem históricas, as árvores são a alma do lugar. Ao cortarem-na, cortam o cerne da vida (da memória) e da tradição do lugar. A nomeação do “locus” não é definida. Poderia acontecer em qualquer município baixadense, na sua Nova Iguaçu, em Nilópolis, ou na Duque de Caxias de Barboza Leite.

“Cortam as duas árvores cinquentenárias”. Não se sabe ao certo de qual cidade se trata, mas sim que se trata da Baixada Fluminense. O artigo indefine, pode-se tratar da cidade em que o poeta está radicado, ou qualquer outro município baixadense em que haja igrejas. Mais que isso, a tradição cultural é evocada e o poema transforma-se em agente da memória, ou propulsor, ao mesmo tempo em que critica as atitudes daqueles que “dizimam”, mesmo recebendo dízimo. O jogo poético-semântico reluz mais ainda, quando, ao final, o eu-lírico ironiza o viés religioso do dízimo, mostrando uma outra face da medalha das pregações: é que os dízimos não são diários. A referência bíblica à doação de dez por cento da produção de cada fiel, apontaria para a ausência de necessidade de que a igreja cobrasse pelas vagas de seu estacionamento. Mas como os dízimos são cobrados apenas mensalmente, ironicamente, o eu-lírico profetiza: nesse caso, sim, torna-se necessário aumentar o números de vagas do estacionamento. A

igreja precisa suplementar o dízimo. Isso justifica a dizimação, a morte das árvores centenárias, mesmo que o meio-ambiente sofra com isso.

Moduan Matus, nesse pequeno poema, revela uma forte capacidade de síntese. Os jogos semânticos e a suposta fragilidade de um poema com versos brancos e livres, colaboram para que o poder bélico da crítica à agressão ao lugar se amplifique. O viés afetivo, apontado pelo geógrafo Tuan encontra-se, com clareza nesse poema que se encaixa entre os textos poéticos de Moduan sobre a região da Baixada Fluminense.

As árvores centenárias são fundamentais. Mas como há um desrespeito a elas, há, simultaneamente um desrespeito à seiva, à raiz ecológica e afetiva, pois tal seiva é vital, é a base do amálgama local-lugar, espaço-memória. O lugar de memória é preservado quando se reflete, antes de tomar atitudes no campo sócio-econômico, nas vidas humanas que podem ser tolhidas ou destruídas. É o caso das árvores e da tradição cultural do lugar baixadense. A problemática das identidades periféricas está no bojo da criação textual do poema aqui destacado, mas também é um reflexo da polêmica ética contemporânea, no mundo ocidental.

Em um outro poema, também contido no Blog do autor, na seção intitulada “A poética Baixada Fluminense e um pouco de poema sobre a Baixada”, pode-se escolher vários outros textos contundentes em relação à visão crítica e não menos criativa de Matus sobre os desmandos ocorridos nas periferias (ou nos centros das mesmas). Veja-se o poema que tem como primeiro verso “O jardim de Éden”. Como os outros poemas desta seção do Blog, este não tem título. Assim, aqui, esse verso servirá como título.

O jardim de Éden  
No momento  
Feito de restos do sacolão.  
São organismos desorganizados  
Reveses do chão.  
A flor oculta  
Resplandece o opaco  
Borboletas metamorfoseadas  
Mariposeiam  
Pousam na alvenaria e  
Aguardam. (MATUS, 2016)

Já no primeiro contato com o pequeno texto percebe-se a criatividade do autor, ao ampliar a significação do trecho, ao “retocar”, a preposição ali contida. Ao invés de remeter ao Éden bíblico, da tradição ocidental, global, eu-lírico particulariza, aponta para o seu lugar, a Baixada Fluminense. E a analogia se abre para um trabalho poético,

metafórico, alegórico. O jardim “de” Éden”, se diferencia do edênico jardim dos sonhos cristãos. Éden é um bairro da região de São Mateus, terceiro distrito do município de São João de Meriti, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro. Como outras localidades da Baixada, geralmente é lembrada pela associação a problemas de violência. A ideia de nomear a cidade com uma palavra que significa paraíso foi ideia de uma imobiliária para alavancar as vendas dos terrenos de um loteamento. A denominação original da localidade era “Itinga”, que significa, em tupi, água branca. O nome, quando o loteamento foi lançado não rendeu o esperado. Nenhum imóvel foi vendido. Para alavancar as vendas, a imobiliária utilizou uma pesquisa que mencionava a existência de uma bruxa, chamada exatamente de bruxa de Itinga. Ela aparecia em noite de lua cheia. Não era mesmo de se estranhar que o resultado seria assustador. Assim, a água branca abria margem à ideia de paraíso. Assim, nascia o bairro de Éden, na periferia da periferia, em São João de Meriti, Baixada Fluminense.

O eu-lírico abre a visão do “Jardim de Éden” com indícios de paradoxos, que se confirmam ao longo da única estrofe que compõe a obra, de onze versos livres. No momento em que o texto se amplia, uma imagem central se destaca. O paraíso é constituído por restos de um sacolão. O termo sacolão, que também pode remeter à expressão “saco de gatos”, que significa mistura, é uma gíria usada para denominar uma loja de hortaliças, frutas e legumes, portanto uma quitanda. Éden é, assim, para o eu-poemático um grande “saco de gatos” uma grande mistura, “restos de sacolão”, “são organismos desorganizados”, diz o poema. Outro paradoxo: A ordem desorganiza. Portanto no organismo não é mais organismo. E esse lugar é assim, fundado nos “reveses do chão”. Essa última expressão pode remeter – inclusive sonoramente - os conhecedores da obra de Antônio Cândido ao importante e conhecido ensaio “ao rés do chão”, que por sua vez, remete à expressão francesa “rés-do-chão”. Trata-se da parte mais baixa de uma habitação. O eu-lírico joga com o termo “rés” e o cambia. Sendo revés o oposto, o revés do chão é mais baixo que o mais baixo lugar.

Sendo lugar, segundo Tuan, a habitação afetiva do ser humano, a voz lírica se levanta para iluminar o “bas-fond” o fundo do abismo, onde habitam os “organismos desorganizados”. O texto de Antônio Cândido aqui citado trata da crônica enquanto gênero. A discussão mediada – provocada - por Cândido põe em destaque a visão que se tem da crônica, vista pela tradição como gênero menor, principalmente por aproximar-se do texto jornalístico. Moduan cria um poema-crônica que é mais crônica quanto mais



é poesia; e é mais poesia quanto mais aponta para a crônica situação de determinados lugares da Baixada Fluminense. “Ao revés do chão” é o oposto de por os pés no chão, de capinar, arar, produzir. É destruir, ou permitir-se ser destruído, enquanto organismo vivo, pensante, dono de seu próprio chão. Nesse momento, novamente interfere a problemática da preocupação com o ambiente, com os organismos, com a vida. Aqui, o resultado da irresponsabilidade com o ambiente, com as pessoas que se alimentam da seiva do “chão”, da terra, da natureza, verificado no poema em que as árvores centenárias, continua o poema: “flor oculta resplandece o opaco”. Na opacidade da desordem que os olhos vêm, levanta-se, silenciosamente a voz poemática. “Borboletas metamorfoseadas mariposeiam/pousam na alvenaria e aguardam”. Os olhos vêm na imagem tenebrosa do lixo, representada pela mariposa, a presença da beleza. Mesmo parecendo mariposa, que aponta para certa escuridão, a claridade, a beleza e a cor próprias da borboleta permanecem na mariposa. A mariposa, permite dizer o texto, tem sua beleza. É preciso saber ver, ter calma para possibilitar ou provocar a transformação. As borboletas aguardam no lugar supostamente mais seguro, ou tradicional: a alvenaria. O eu lírico aguarda, mas enquanto voz poética, nesse mesmo momento, age, põe a “boca no mundo”, berra, grita. Para quem lembra da história recente do lixão de Gramacho, transformado pela câmera do glamour midiático, muitos se beneficiam da pobreza econômica das periferias.

O lixo entrou na moda. E com ele, aproveitam os estudiosos da exclusão social na literatura, retornam reflexões sobre autores, temas e personagens que durante muito tempo ficaram à margem das grandes discussões literárias, como Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, a problemática das favelas, das minorias, enfim, da exclusão social. Zygmunt Bauman em sua importante obra *Vidas desperdiçadas* afirma que o grande problema contemporâneo está na necessidade de se saber o que fazer com o lixo. Mais ainda, o sociólogo afirma serem os humanos refugos. Por esse prisma aberto pelo autor polonês, pode-se dizer, retomando a interpretação dos dois poemas de Moduan Matus que a preocupação do poeta se volta para a profundidade do problema que o eu lírico matusiano desvela. O dízimo pode caminhar para a dizimação das culturas, das pessoas, das árvores, enfim, dos seres vivos, que terminam por se transformar em resíduos refugados pelas atitudes excludentes das elites dominantes.

Assim como as borboletas metamorfoseadas, na penumbra da dizimação e/ou da desorganização, aguardam que Éden se metamorfoseie e assuma, na transformação

possível da ação cidadã, se não um paraíso, um efetivo lugar, espaço de afetividade de relação amorosa com o local em que trocam experiências, suportam dores, enfrentam tiranias, comemoram seus nascimentos e, juntos, superam as perdas. Os dois poemas de Matus, aqui, sinteticamente analisados são, eles mesmos, em termos de gênero, metamorfósicos, poemas crônicas, crônicos poemas que injetam lirismo mesmo no lixo resultante da exclusão, denunciam a perda da aura da ética; para a "midiática reproduzibilidade técnico-informacional do negativo, dos medos e das crises – parodiando o título de conhecido e importante artigo de Walter Benjamin (1994), *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*.

Como as borboletas, os poemas aguardam, mas na instabilidade provocada pela provocação do pensamento ético. O lugar poético de Matus está situado ao revés da exclusão, no viés da beleza extraída do que não se quer ver, mas que o poeta ilumina e luta, enquanto artista e cidadão para transformar. Matus é poeta, pesquisador e ativista cultural. Esforça-se para mostrar que na penumbra provocada pelo desperdício, pela dizimação, que nas margens, na periferia, há belezas que poucos conseguem ou querem perceber.

## **Conclusão**

A poesia de Moduan Matus é metamorfósica em termos de temática e de estratégias textuais. E há um veio identitário percorrendo as inúmeras trilhas poéticas abertas por sua arte e por suas atividades artísticas, em meio a um olhar preconcebido das elites dominantes. Desde o início de sua produção a criatividade está a serviço da ação, nos campos muitas vezes minados, em vários sentidos, das periferias. Desde as figurações no período complexo em termos de liberdade de criação da poesia marginal, nos anos 1970, até os dias de hoje, passando pela ênfase na poesia concretista, Moduan participa e organiza eventos artísticos, aproximando poesia das artes plásticas, da música, da gastronomia. Bares, escolas, universidades, praças e quintais continuam sendo seus espaços mais frequentados, sempre que possível, iluminando, tirando a beleza da cultura baixadense das sombras.

## **Referências bibliográficas**

AUGÉ, Marc. **Não lugare-s uma introdução a uma antropologia da super-modernidade**. Campinas: Papirus, 1994.

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidades**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade. In: \_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, arte e política - ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume I**, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Trad. De Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina , 2014.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Poesia Jovem – anos 70**. São Paulo, Abril Educação, 1982
- MATUS, Moduan. Blog do autor. <http://moduanmatus.blogspot.com.br/p/p.html>,  
Visualizado em: 27/10/2016
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes marginais na literatura**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009
- SPIVAK, Gayatri Chacravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira Feitosa. Belo Horizonte, UFMG, 2014.
- TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina, Eduel, 2013.